
A Pesquisa sobre Jornalismo Alternativo na Perspectiva Latino-Americana: breve revisão de literatura¹

Priscila Bueker SARMENTO²

Victor Israel GENTILLI³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Do jornalismo que desafiou o autoritarismo militar da América Latina Burguesa, entre 1960 e 1970, ao jornalismo contemporâneo de recusa ao projeto hegemônico de resquíio neocolonialista, o conteúdo (pautas) contestatório é ponto convergente da imprensa da América Latina Popular. Porém, o termo “alternativo” continua em aberto, sem consenso definitivo na Academia. Neste estudo, o objetivo foi encontrar metodologia para entender o jornalismo praticado pelo *online* capixaba, Século Diário, a partir de fragmento do levantamento exploratório inicial da pesquisa de Mestrado em andamento. Resultados apontam necessidade do desafio de estudar a estrutura administrativa econômico-financeira como item que, conjuntamente com o processo de produção da notícia, dá ao Jornal seu lugar de construção de sentido contra-hegemônico.

Palavras-Chave: América Latina Burguesa; América Latina Popular; Imprensa Alternativa; Jornalismo Alternativo; Século Diário.

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa exploratória mais ampla relacionada ao nosso objeto de estudo de mestrado, sobre o Jornalismo contra-hegemônico do Século Diário (www.seculodiario.com.br), como alternativo da imprensa do Espírito Santo, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES. Verifica-se, inicialmente, que o jornal *online* Século Diário, fundado em 2000 em Vitória, apesar de possuir estrutura de empresa capitalista, prioriza visibilidade dos assuntos sindicais, sociais, de utilidade pública regionais, ligados aos trabalhadores e sindicatos, minorias étnicas como quilombolas e indígenas, por exemplo, por meio de seu conteúdo (pautas) (SARMENTO, SOUZA, 2019).

¹ Trabalho apresentado na DT-1 Jornalismo, do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e-mail: pbueker21@yahoo.com.br.

³Professor Dr. do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES, e-mail: vgentilli@gmail.com.

Aqui, em específico, pretendemos analisar, por meio de breve levantamento exploratório qualitativo de artigos científicos já publicados, entre 2009 e 2018 em revistas científicas de “Comunicação e Informação” (Qualis Capes A2 a B2) e anais de Congressos da área, em conjunto com uma reflexão crítica de teor bibliográfico, a apresentação do tema contra-hegemonia no jornalismo- “lugar de conflito” como afirma Bucci (2000, p.11)- buscando compreender as especificidades deste Jornalismo como alternativa aos meios de comunicação dominantes ou tradicionais no recorte da América Latina. O objetivo é, ao final, tentar pensar tal problemática dentro do nosso objeto. Afinal, qual Jornalismo é praticado pelo capixaba ‘Século Diário’? Como descobri-lo?

Defendido por Genro Filho (1987) como atividade intelectual e forma de conhecimento centrada no “singular”, o jornalismo é “ideologicamente antiburguês” (Genro Filho, 1987, p.14) quando busca denunciar as contradições sociais que surgem neste território permeado pela experiência humana e que, sob a ótica subjetiva do jornalista, passa a ser mediada para a coletividade numa perspectiva do que seria o “real”, mas sem abrir mão de sua função social dentro da cidade capitalista. Neste caso, a cidade latino-americana, historicamente renegada ao projeto exploratório do ‘homem branco’ europeu. Moretzsohn (2007) vai além e vê o jornalismo como forma de esclarecimento, ao pensar contra os fatos, mas sem esquecer do caráter ideológico de sua atividade.

Como consequência do processo sócio-histórico de colonização e neocolonização na América Latina, dois modos antagônicos do ‘fazer notícia’ na contemporaneidade configuraram-se nesta região sulista do globo. Em “A imprensa alternativa como resistência à indústria jornalística resultante do processo de neocolonização” (2010), publicado na revista colombiana *Punto Cero* (*SciELO*), o professor brasileiro, Alexandre Barbosa, difere a chamada “América Latina Burguesa” (ou a nação burguesa) da “América Latina popular” (ou a nação popular), dois tipos de América, e seus veículos de comunicação orgânicos, numa concepção a partir da luta de classes de base gramsciana (MORAES, 2010).

Se, no passado colonial, no auge entre os séculos XV e XVI, o discurso de poder da classe “superior” dominante era justificado pela exploração de mão-obra escrava dos ditos “inferiores” nos países latinos e pelo modelo econômico primário-exportador de exploração, é na Modernidade (final século XIX e começo século XX) com o Imperialismo que esta estrutura geradora de desigualdades sociais, econômicas,

políticas, raciais e culturais se consolida sob a justificativa da produtividade, do mito do progresso e da missão civilizatória sobre as classes oprimidas. Como consequência, em termos de conteúdo, para (Barbosa, 2010), “presente apenas na imprensa alternativa, proletária, a América Latina Popular [periferia] é condenada a sua solidão não só pela imprensa, mas por todo o aparato forjado pela América Latina Oficial.”

A América Latina Popular também tem os seus veículos orgânicos: Caros Amigos, Brasil de Fato, Agência Carta Maior, Aditai, ALAI, Voz Rebelde, Red Por Ti América, Jornal Sem Terra, Revista Sem Terra, Revista Fórum, América Libre, Vozes da Terra entre outros. É a imprensa das classes subalternas, também chamada de imprensa proletária ou alternativa. Nas páginas dessa imprensa está registrada a história das lutas populares, as greves operárias, as revoluções no campo, as guerrilhas, os movimentos sociais, a cultura popular latino-americana.

Representando uma forma de resistência e construção contra-hegemônica à chamada indústria jornalística tradicional, “no caso brasileiro, mídias como Folha de São Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, Veja, Isto É, Época, Jovem Pan, Bandeirantes, Rede Globo, TV Record e UOL” (Barbosa, 2010), a imprensa alternativa na América Latina desenvolveu-se para responder as demandas políticas proletária, camponesa, indígena, negra, mestiça, como forma de contar a história pelo lado dos vencidos, dos “esquecidos” (BENJAMIN, 1985), para visibilizar (de forma não estereotipada) necessidades sociais veladas pelos prováveis segundos interesses e idiossincrasias das grandes corporações de mídia (ABRAMO, 2016). Características sócio-históricas que justificam a escolha do recorte desta pesquisa na América Latina, especialmente no Brasil.

O alternativo “histórico”: o jornalismo como arma na resistência contra a repressão pós-Golpe Militar

Segundo Bernardo Kucinski (1998), no Brasil, a expressão “imprensa alternativa”- tradução literal do inglês “*alternative press*” usado para designar a arte e cultura nos Estados Unidos e Inglaterra- foi usada pela primeira vez por Alberto Dines em 1976, em sua coluna semanal de crítica à cobertura da mídia, “Jornal dos jornais”, na Folha de São Paulo. No caso, Dines fazia referência à imprensa brasileira- até então chamada de “imprensa nanica”, ”marginal”, dentre outras alcunhas- surgida em contrapartida à forte censura e repressão à liberdade de imprensa imposta no Período da

ditadura, pós Golpe militar (1964 a 1985), que teve no decreto Ato Institucional nº5 seu apogeu autoritário, em 1968, no Governo Costa e Silva.

Apesar da prisão, tortura e assassinato de jornalistas como Vladimir Herzog, em 1975, nos porões da ditadura, Bucci (2000) é categórico em afirmar que a democracia brasileira atual deve ao jornalismo. “Não fossem as reportagens, que expuseram a prática da tortura, as mordomias e a corrupção, entre tantas outras, o regime militar talvez durasse um pouco mais do que durou” (2000, p. 41), e no caso dos alternativos, foram também responsáveis pela crítica na observância aos Direitos Humanos e ao modelo econômico do milagre brasileiro no período (Kucinski, 1991). Dines (1970, p.34) define: “[...] jornalismo é a ordenação da novidade. A rotinização do inesperado. Ou seu corolário: a quebra intencional e programada das normas, para despertar a atenção pelo contraste.”

Kucinski (1991), em *Jornalistas e Revolucionários*, remonta o surgimento de uma numerosa imprensa alternativa- segundo o autor, mais de 150 periódicos-, nesta época, ao interesse das esquerdas em transformar as instituições. Havia semanários sob o signo da resistência político-cultural como “O Pasquim”, fundado por Tarso de Castro, e “Opinião” e “Movimento”, que contaram com Raimundo Pereira, ambos jornalistas experientes, exemplos de protagonismo que distinguiam-se “[...] pela sua disposição contestatória, pela sua intransigência intelectual e, em certa medida moral, pela afinidade com os motivos ideológicos que moviam os ativistas políticos” (Kucinski, 1991, p.5), forjando uma cultura de contra-informação.

De acordo com a professora da Universidad Autónoma de México, Regina Aida Crespo (2018), após passar por jornais alternativos como ‘O Pasquim’, o jornalista Marcos Faerman fundou a revista *Versus*, editada em São Paulo entre 1975 a 1979 e publicada em 34 edições, partindo de um projeto baseado na opção pela cultura como forma de ação e na adoção da América Latina como eixo temático. Em *Versus*, com uma linha editorial diferenciada, eram publicados autores latino-americanos, além da análise de temas políticos relevantes para a região e discussão de sua produção artística e cultural, sem contar o próprio envio de repórteres para acompanhar o que acontecia nos países vizinhos.

O estudo de Crespo (2018), publicado na Revista Matrizes, avalia a trajetória de *Versus* desde a concepção cultural inovadora (23 edições), quando tinha a “política como metáfora” (Kucinski, 1991) até a paulatina instrumentação política pela

organização trotskista Convergência Socialista (11 edições), saindo da ‘metáfora’ para a doutrinação e transformando-se, de certa forma, em jornal de partido (Kucinski, 1991). O periódico contou como inspiração o semanário uruguaio *Marcha*, fundado em 1939, por Carlos Quijano, além da revista argentina *Crisis* (1973-1976). Para Crespo (2018), a atuação do *Versus* na composição das identidades latino-americanas e numa dinâmica de solidariedade continental foi importante na luta contra as ditaduras instauradas na América Latina da década de 1970, ao recuperar a história da colonização, da opressão e do despojo do continente (CRESPO, 2018).

Outro periódico dito alternativo, *o Sol*, fundado pelo poeta, escritor e jornalista, Reynaldo Jardim, e que circulou no Rio de Janeiro entre setembro de 1967 e janeiro de 1968, utilizou peculiaridades do jornalismo literário, segundo (BRITO, BUZALAF, 2015), mais precisamente da corrente do *New Journalism*, iniciada nos Estados Unidos, para resistir ao jornalismo produzido pela grande imprensa. Os jornalistas se inspiravam nestes romancistas que aderiram a recursos da literatura como subjetividade, imersão na realidade, descrição e humanização “[...] na medida em que renunciavam à objetividade, à neutralidade, à pirâmide invertida e ao lead, considerados na época fruto do capitalismo” (Brito, Buzalaf, 2015, p.1).

O estudo de (Brito, Buzalaf, 2015) propõe uma reflexão acerca do processo de produção textual de ‘O Sol’, sobre esta forma de resistência pelo texto e pela técnica. Importante pensar que, se desde a década de 1940 o jornalismo brasileiro importa das técnicas americanas “um novo estilo seco e forte” de escrever, centrado na funcionalidade e na eficiência, na objetividade e no próprio “mito” da neutralidade (DINES, 1977). Porém, como democrata por definição, na observância dos direitos humanos e numa sociedade plural e que cultive diferenças de opinião, para Bucci (2000, p. 49), “na defesa destes temas, é bom frisar, o jornalista nunca é isento, neutro e equânime, mas é sempre um militante.”

Com matérias sobre saúde, educação, cultura, o periódico viria como encarte do *Jornal dos Sports*, cujo diretor ajudou na viabilidade de *O Sol*, considerado um jornal-escola, de espírito pedagógico-educacional (BRITO, BUZALAF, 2015), passando por lá profissionais como Ana Arruda Calado (primeira mulher a chefiar redação de um jornal no Brasil), Ziraldo, Henfil, Zuenir Ventura, Chico Buarque, Ruy Castro, entre outros. Vale acrescentar no Brasil, já havia, segundo Lima (2008 apud Brito, Buzalaf, 2015), a revista *Realidade*, fundada em 1966 e sucesso pelas reportagens sociais, e o *Jornal da*

Tarde- idealizado por Mino Carta, hoje fundador de ‘Carta Capital’- como exemplos de produções jornalísticas influenciadas pela *New Journalism*.

Já sob o título “(O) Posição Pelo Riso: O Humor Como Estratégia Discursiva no Jornalismo Alternativo Capixaba”, o estudo de (BANDEIRA, PELLEGRINI, DORNELLAS, 2017) analisa as capas das 10 primeiras edições do Jornal *Posição*, que circulou pelo Espírito Santo entre os anos de 1976 a 1979, ressaltando o uso do humor e ironia em contraponto ao autoritarismo da ditadura, mas pela via indireta de denúncia de problemas socioeconômicos do Estado, inclusive “[..]o que eles consideravam má gestão do governo estadual e nacional” (Bandeira, Pellegrini, Dornellas, 2017, p.2-3). De acordo com as autoras, o Jornal circulava, em média, com cerca de 3 mil exemplares sendo produzido em Vitória por uma equipe de redatores, entretanto, o texto era encaminhado para Minas Gerais para ser impresso para depois voltar ao Espírito Santo.

Segundo (RESENDE, 2006), foi Rogério Medeiros, atual diretor do jornal *Século Diário* (SARMENTO, SOUZA, 2019), nosso objeto de estudo, quem ajudou a também fundar o periódico capixaba, *Posição*. Referindo-se a Gramsci, Resende (2006) considera o trabalho dos jornalistas no ‘*Posição*’ como dos intelectuais orgânicos, aproveitando pautas que outros jornais não podiam ou não queriam publicar, tentando desconstruir o discurso oficial numa perspectiva contra-hegemônica de crítica à realidade local, com foco em problemas sociais do Espírito Santo.

Já o estudo de (SILVA, 2016) acerca do Jornal ‘*Varadouro- Jornal das Selvas*’ como imprensa alternativa, traça apontamentos do periódico- que circulou em Rio Branco, capital do Acre, de 1977 a 1981- produzido numa estrutura com corpo técnico e administrativo formado por editor, redatores, fotógrafo, diretor responsável e diretor financeiro. Como o material para produção do jornal era externo e, por vezes faltava disponibilidade de gráfica para publicá-lo, o ‘*Varadouro*’ poderia sofrer atrasos na sua periodicidade- fator, segundo (DINES, 1977), importante influenciador na temporalidade (continuidade) do jornal, da aparência ao estilo, até a linha de pensamento.

Segundo Silva (2016), enquanto fonte para a produção historiográfica regional, numa análise das 24 edições do *Jornal das Selvas* observou-se: a linha editorial (defendia publicação do *Varadouro* de 15 em 15 dias), o lugar social (combate aos efeitos negativos da nova orientação migratória para a região acriana que era apresentada como solução para a reforma agrária brasileira), as principais temáticas abordadas (sobre floresta, meio ambiente, questão fundiária, mulheres, indígenas) e seus

financiadores (as edições iniciais do jornal das Selvas foram custeadas pela Igreja Católica) e o público-alvo (seringueiros, os ribeirinhos, posseiros, indígenas, todos aqueles trabalhadores sem oportunidade e sem perspectiva de melhores condições de vida). O jornal, segundo Silva, pertencia à empresa chamada Macauã LTDA.

Por último, (GLORIA, STRELOW, 2017) traçam o panorama das pesquisas desenvolvidas a respeito do *Coojournal*, distribuído entre 1976 e 1983, em todo o Brasil já no final do período militar e produzido por uma cooperativa de jornalistas (a primeira do país) no Rio Grande do Sul, na luta pela redemocratização. Dentre 14 trabalhos identificados pelos autores, o de Mansan (2008 apud Gloria, Strelow, 2017)- publicado nos anais do III Simpósio Lutas Sociais na América Latina, em 2008- trata inclusive da possibilidade deste tipo de imprensa contra-hegemônica trazer alguma superação positiva do sistema do capital ao tentar entender qual a função ideológica cumprida pelo Coojournal.

“Em sua concepção, o periódico [o Coorjona] não constitui um exemplo típico de imprensa alternativa, segundo a conceituação de Aquino, mas um caso híbrido entre imprensa alternativa e imprensa convencional” (Gloria, Strelow, 2017, p. 12). Colaborando com a idéia, Kucinski (1991) ressalta: “Coojournal, ao contrário da maioria dos jornais alternativos, era convencional do ponto de vista mercadológico, operando com anúncios, e tendo na receita publicitária parte decisiva de sua cobertura de custos” (Kucinski, 1991, p. 221), fazendo menção à estrutura capitalista que permeava o sistema de produção da notícia no Coojournal.

Discussão sobre conceito: o “alternativo” na Comunicação, na Imprensa e no Jornalismo do Brasil democrático

Criado em 1987 pelo jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto, o *Jornal Pessoal* constitui-se exceção por ter sido o mais longevo da história da imprensa alternativa brasileira, sendo extinta sua versão impressa em papel em 2018 por falta de viabilidade comercial após recusar-se a aceitar publicidade, justamente a opção que, para o seu criador, o fez também garantir sua plena independência e autonomia (PINTO, 2018). O estudo de (SEIXAS, CASTRO, 2014) sobre o embate discursivo entre os jornais paraenses ‘O Liberal’ e o ‘Diário do Pará’, ditos hegemônicos, também inclui o ‘Jornal Pessoal’ como importante forma de resistência. Conhecido como JP, de circulação quinzenal, o periódico possuía 16 páginas e tiragem inicial de doze mil exemplares.

Lucio Flavio Pinto é, de acordo com VELOSO (2010 apud Seixas, Castro, 2014) um dos maiores especialistas brasileiros em questões amazônicas.

O JP é feito por seu editor de forma solitária e tem como *slogan* ser uma "Agenda Amazônica". Nesse sentido, prioriza pautas voltadas para a política regional, economia e meio ambiente – com ênfase no impacto dos grandes projetos desenvolvidos na Amazônia por empresas privadas e estatais–, narcotráfico, mídia, escândalos financeiros e problemas urbanos. A ausência de anúncios publicitários é uma das singularidades do periódico, que se mantém apenas com a venda em banca, sem serviço de assinatura. O exemplar custa R\$ 5,00. Tais características o colocam em uma posição contra-hegemônica na imprensa paraense, o que já gerou um resultado pesado de exatos 33 processos judiciais contra seu editor. (SEIXAS, CASTRO, 2014, p.104)

Na época do lançamento do JP, o Brasil passava por um lento processo de abertura política, que culminou com a promulgação da Constituição da República, em 1988. Legalmente, temos uma imprensa livre, pois o artigo 5º da CF/88 (inciso IX) deixa claro que “é livre a expressão [...] de comunicação, independentemente de censura ou licença”. Direito reiterado no artigo 220 (capítulo da Comunicação Social) da CF/88 que reafirma “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição [...]”, sendo que o § 2º completa: “É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística” (Art.220, §2º, CF/88).

Após esta abertura democrática (1989), que desmontou o aparato de censura ideológica dos militares oficialmente, o termo “alternativo” assume nova roupagem tornando-se motivo de discussão acadêmica. Já que, conforme já preconizava Dines, ainda na década de 1970, o jornalismo acompanha a dinâmica sócio-histórica, num movimento pendular, em que se insere como processo produtivo no controle do espaço e do tempo. Adaptando o pensamento de Dines (1977) ao capitalismo tardio, há possibilidade de criação, transformação e adaptação no jornalismo por meio das crises cíclicas econômicas, por exemplo, tornando todos estes veículos (TV, rádio, jornal, cinema) imperecíveis mesmo com a chegada da internet. Com isso, surgem novas configurações deste tipo de jornalismo que, a olho nu, nos é “diferente”.

Numa cartografia dos usos conceituais do alternativo (MOLIANI; PACHI; SOUZA, 2016) diferenciam imprensa e/ ou jornalismo alternativo (consideram sinônimos) de comunicação alternativa, a partir das linhas teóricas abordadas na produção acadêmica brasileira recente. Neste mapeamento entre artigos e teses e

dissertações no banco da CAPES, os autores perceberam que “a comunicação alternativa em geral é tratada como campo que não inclui necessariamente o jornalismo alternativo” (Moliani; Pachi; Souza, 2016, p.13), sendo objetos com dinâmicas distintas.

Quanto aos objetivos do Jornalismo alternativo na contemporaneidade, segundo constatado por (Moliani; Pachi; Souza, 2016, p.13), refere-se à continuidade do que foi o alternativo “histórico” em oposição ao regime militar, em 1964. Porém, dentro de outra ambiência, a digital. O ponto de partida de análise teórico da imprensa alternativa seria a resistência política e a abordagem de temas, seja no que se refere aos posicionamentos assumidos ou na sua inclusão, pois não encontram espaço na mídia tradicional. Enquanto os estudos de comunicação alternativa estão relacionados à exclusão social, preocupados com o processo comunicacional que integra o trabalho dos grupos e comunidades em defesa de seus interesses (MOLIANI; PACHI; SOUZA, 2016).

A partir do mapeamento de 102 pesquisas (87 dissertações e 15 teses, de 1972 a 2012) realizado por Otre (2015), desenvolvidas nos Programas de Pós- Graduação em Comunicação *stricto sensu* no Brasil, apesar da congruência de objetivos a favor das classes subalternas, a autora também aponta diferenciação conceitual dentro da subárea chamada da comunicação popular, alternativa e comunitária (CPAC). Mais voltada ao que diz respeito à comunicação no contexto dos movimentos populares, Otre(2015), define “jornalismo popular alternativo” como menos amplo que a comunicação popular e alternativa, porém, “nas mesmas bases [...]no que diz respeito a temas, participação, postura ante os grandes meios” (Otre, 2015, p.16). Em seus mapeamentos, tanto (MOLIANI; PACHI; SOUZA, 2016) quanto Otre (2015) apontam a professora Cecília Krohling Peruzzo como uma das principais referências na subárea da CPAC.

Peruzzo (2009) sustenta que, a partir da manifestação da comunicação alternativa no contexto militar no Brasil na transição para as diferentes práticas comunicacionais ditas contra-hegemônicas, o termo “alternativo” não possui significado único. O “alternativo”, para Peruzzo (2009), pode referir-se a jornais e outros canais comunicativos independentes — orgânicos ou não a movimentos sociais- como publicações alternativas elaboradas por segmentos da pequena burguesia- na qual acreditamos, empiricamente, aproxima-se mais do Século Diário pela estrutura de empresa capitalista (SARMENTO, SOUZA, 2019)- passando pela comunicação popular e comunitária chegando àquela produzida por segmentos sindicais.

Contudo, para a autora, a denominada “imprensa alternativa”- termo usado por Peruzzo (2009) para referir-se àquela contra o regime militar apenas- desaparece, mas sua dinâmica contestatória recria-se no jornalismo alternativo, do início do século XXI, que assume novas feições possibilitadas pelos recursos das novas tecnologias da informação e comunicação: “Reedita formas de expressão impressas e audiovisuais, cria novos canais e, ao mesmo tempo, se recria por meio de novos formatos digitais que o avanço tecnológico favorece” (Peruzzo, 2009, p. 137). Do papel, já que o jornal alternativo “histórico” no Brasil é o veículo espacial (impresso) resistente ao tempo (DINES, 1970), para as malhas da instantaneidade digital, como é o caso da localização simbólica do capixaba Século Diário- já que se trata de um *ciberjornal*- para a autora, “o que importa é o conjunto da práxis e o significado que tem para a comunidade” (Peruzzo, 2009, p. 140).

Em um estudo de caso sobre a Agência Pública (agência de reportagem e jornalismo investigativo independente e sem fins lucrativos, criada por mulheres em 2011, e sediada em São Paulo), por exemplo, através de análise de conteúdo por meio da verificação do modo de sustentação, tipo de fontes, quantidade consultada e a temática das publicações, (BECKER; CARVALHO, 2016) chegaram ao resultado que a Agência Pública desempenha Jornalismo Alternativo. No recorte entre 13 de junho de 2016 a 13 de julho de 2016 (1 mês), os autores puderam verificar que o veículo traz à tona temáticas invisibilizadas pela mídia convencional em suas reportagens aprofundadas, além de ser alternativo aos procedimentos e formatos convencionais do jornalismo e aos grandes meios de comunicação (BECKER; CARVALHO, 2016).

De recusa ao projeto hegemônico, de representação das minorias a radicalizador da democracia

Para qualificar o alternativo contemporâneo, alguns trabalhos partem da visão crítica sobre o outro tipo, o dominante, ou da “imprensa comercial-burguesa”, como diria Perseu Abramo (2016), um dos jornalistas que participaram do alternativo “Movimento”, quando na fase do jornal mais próxima do Partido dos Trabalhadores (Kucinski, 1991). Para Possebon (2011, p.2) “novos modelos de geração e expansão de saberes, estabelecendo meios de comunicação, aqui nomeados de alternativos, para criticar o discurso apresentado pela grande mídia e propor outras discussões” nascem do

desejo de se contrapor ao sistema de controvérsias da grande mídia, que diz defender a democracia, mas que negligencia pautas dos movimentos sociais (ABRAMO, 2016).

Já a legitimidade do modelo de negócio adotado pela grande mídia é questionada por (SILVA, 2016), a partir da teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu, entendendo o fenômeno como consequência do processo de perda de autonomia do campo jornalístico em favor de restrições econômicas. Porém, neste trabalho, a autora deixa claro considerar como jornalismo alternativo as experiências que se autodenominam alternativas à mídia convencional e que se constituem sem fins lucrativos, como por exemplo, Jornalistas Livres e Agência Pública (SILVA, 2016).

Características como data de criação e perenidade, formas de financiamento, plataformas de hospedagem e posicionamento político-ideológico foram cruciais para (CARVALHO, BONA, 2017) na busca do próprio conceito teórico de Jornalismo Alternativo no ambiente digital. Por meio de um mapeamento exploratório, realizado entre 2015 e 2017 em 71 sites (aparentemente jornalísticos de abrangência nacional com potencial para alternativos, denominados pelos autores de SAPJA), (Carvalho, Bona, 2017) constataram que, dos 65 ativos, apenas 24 apresentavam posição política de esquerda (progressistas), com fins não lucrativos e não vinculados a algum grupo empresarial, particularidades que dariam o tom de “alternativo” para os autores. Dentre eles: Agência Pública, Diário do Centro do Mundo, Jornalistas Livres, Mídia Ninja, Carta Maior, Nexo, Terra Sem Males, Rede Brasil Atual, etc

Para Santos (2013, p.95), na nova imprensa alternativa do século XXI, “os alternativos são comprometidos com valores de dimensão humana e de cidadania em detrimento do aspecto financeiro ou capitalista. São engajados socialmente e criticam a desigualdade social, assim como Kucinski (1998) aponta minorias, o pobre, o desalojado, a criança abandonada como objetos da ação da ‘nova’ imprensa alternativa. Enquanto Guimarães (2017) acredita que as práticas de contra-hegemonia, alternativas advindas com a crítica dos meios de comunicação de massa, precisam ultrapassar a denúncia que reduz os problemas a um simples processo de manipulação e ir além da proposta de produzir contra-informação e abrir espaço para a pluralidade de vozes:

É nesse emaranhado de condições objetivas e subjetivas que parece residir a diferença que aqui tentamos insinuar entre as iniciativas meramente ‘alternativas’ e uma prática efetivamente contra-hegemônica — que, coerente com nossa perspectiva materialista, não está pré-moldada e só se constrói (e se conforma) no movimento da própria realidade e da organização social. Mas isso também impõe que se tracem caminhos (teóricos e táticos) para

distinguirmos — nas práticas e nas instituições, no discurso e na organicidade — os projetos e iniciativas que se arvoram na disputa de hegemonia daqueles que, por princípio, se encerram nos limites críticos da imprensa pequeno-burguesa, que apesar de ‘alternativa’ ao discurso único produzido pelos grandes meios massivos, e a despeito do importante trabalho de contrainformação que promove, está presa no seu próprio horizonte de classe. (Guimarães, 2017, p.15)

Da mesma forma, o professor Dennis de Oliveira (2009) aborda o “esvaziamento” das categorias valorativas da esfera econômica da mídia hegemônica para valer-se de um praxis jornalística alternativa, aquela no âmbito crítico da esfera pública, apontando as suas insuficiências e discutindo em perspectiva a sua transformação, segundo Oliveira (2009) numa dimensão próxima ao que Zigmunt Bauman chama de utopia iconoclasta. Em outras palavras, significa recusa ao consenso (um dissenso radical) ao projeto político ideológico único, hegemônico, ou como afirma (Santos, 2013, pg.93) “[..] ela ultrapassa os limites de uma ação meramente comunicativa para ser instrumento de um projeto sociopolítico de transformação.”

Por último, outro estudo de Oliveira (2011), aponta: por meio da legitimação de agendas e fontes e, por conseqüência, da ampliação das vozes na agenda pública há um potencial para radicalizar a democracia através do Jornalismo Alternativo. Classificando as fontes, por exemplo, em oficiais (ligadas à esfera política), intelectuais (pesquisadores e pensadores), lideranças de movimentos sociais e cidadãos comuns, percebeu-se, entre janeiro e junho de 2009, nos periódicos brasileiros ‘Caros Amigos, Brasil de Fato, Le Monde Diplomatique e Revista Fórum’, no geral, maior presença da fala dos intelectuais e de representantes de movimentos sociais e populares, em detrimento do próprio *oficialismo*, um dos padrões de manipulação criticados por Abramo (2016) em relação ao fazer jornalístico da imprensa comercial-burguesa.

Considerações Finais

Neste rápido levantamento qualitativo, constata-se que a definição do “ser alternativo” no jornalismo hodierno vem imbuída de reflexões a partir de várias características denotadoras de resistência apresentadas, seja na produção de sua notícia, seja no texto, seja nas formas de sustentação econômica (de empresa capitalista ao coletivo independente, dos regionais aos de alcance nacional) ou nas similitudes que

existem em suas histórias construídas em sua grande parte por jornalistas ativistas e/ou com grande experiência, gabaritados, etc.

Dos modos de financiamento ao quadro profissional (de jornalistas remunerados ou não), da longevidade (ou não) do jornal chegando às temáticas, agendas, fontes e técnicas do conteúdo jornalístico. As classificações de “alternativo” não são puristas, mas continuam “em aberto” até pelas novas experiências que surgem em consequência da hibridez em todas estas características dependendo também dos autores- referência apresentados. Contudo, independente dos parâmetros de análise, percebemos que as temáticas (pautas) contestatórias questionadoras do *status quo*, abordadas como notícia, são um ponto de militância convergente entre praticamente todos os jornais aqui elencados. Tanto a “imprensa alternativa” brasileira do passado, em contraponto a um regime totalitário, quando o “jornalismo alternativo” do tempo presente, em confronto diário com os donos do poder na luta contra suas omissões, distorções e desigualdades sistêmicas- ambos, por meio do seu conteúdo (e não exatamente por suas engrenagens estruturais ou só por elas, ou só pelo conteúdo e vice-versa), parecem apropriar-se da perspectiva até então não vislumbrada pela narrativa dominante em busca de um possível caminho de mudança sócio-histórica.

O sentido do “alternativo” do Século Diário a partir de outras experiências alternativas é válido como fragmento reflexivo de pesquisa. Torna-se necessário, nos próximos passos deste estudo, um aprofundamento da pesquisa histórica e no trabalho de campo em curso, com nosso olhar holístico como um todo tanto para a estrutura administrativa-econômico-financeira, quanto para o processo de produção e feitura da notícia do Jornal Século Diário. Já que, ao que tudo indica, é a análise das características destas duas abordagens (estrutural e produtiva noticiosa, conjuntamente) que nos permitirá chegar próximo ou ao tom exato da conceituação.

Referências

ABRAMO, P.. **Padrões de manipulação na grande imprensa** / Perseu Abramo; com colaborações de Laura Caprigliole ... [et al.]. – 2. ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

BANDEIRA, C; PELLEGRINI, J.; DORNELAS, R. **(O)Posição Pelo Riso: O Humor Como Estratégia Discursiva no Jornalismo Alternativo** Capixaba. 11º Encontro Nacional de História da Mídia (ALCAR). Trabalho concorrente ao Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia – 2017.

BARBOSA, A. **A imprensa alternativa como resistência à indústria jornalística resultante do processo de neocolonização.** Punto Cero, Cochabamba, v. 15, n. 20, p. 67-75, 2010 (*Scielo*).

BECKER, D; CARVALHO, G. **Jornalismo alternativo na era digital:** o caso da Agência Pública. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)-VI Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. Nov, 2016.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1994. (pág. 61-72)

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p

BRITO, L; BUZALAF, M.N. **O Sol e o jornalismo alternativo:** rompimento de paradigmas na imprensa brasileira. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015.

BUCCI, E. **Sobre Ética e Imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARVALHO, G; BONA; N. **Jornalismo alternativo:** aproximações exploratórias em busca do conceito. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)- 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SP: Nov, 2017.

CRESPO, R.A; **Versus :** um espaço da América Latina na imprensa alternativa (1975-1979). Revista Matrizes, São Paulo- V.12 - Nº 2 maio/ago. 2018.

DINES, A. **O papel do Jornal:** tendências da comunicação e do Jornalismo no mundo em crise. Rio de Janeiro, Editora Artenova, 1977.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

GLORIA, R; STRELOW, A. **Coojornal como objeto de pesquisa:** mapeamento dos estudos realizados sobre o jornal. ALCAR, XI Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo, 2017.

GUIMARAES, C. **Comunicação Alternativa a quê?** Notas sobre contra-hegemonia no campo da comunicação. XXVI Encontro Anual da Compós, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo, Editora Página Aberta: Scritta Editorial, 1º edição, novembro de 1991.

_____. **A síndrome da antena parabólica:** ética no jornalismo brasileiro. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.

MORAES, D. **Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia:** a contribuição teórica de Gramsci. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dossiê Comunicação e Política: Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos,** jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

OLIVEIRA, D. **Jornalismo alternativo: um potencial para a radicalização da democracia.** Signo pensam. (SciELO), Bogotá, v. 30, n. 58, p. 52-63, 2011.

_____. **Jornalismo alternativo, o utopismo iconoclasta.** São Paulo. In. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo- USP, 2009.

OTRE, M.A.C. **Quarenta anos de pesquisa sobre comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil: análise da produção discente na Pós-graduação stricto sensu em Comunicação.** Universidade Metodista de São Paulo: Revista Comunicação e Sociedade, C&S – São Bernardo do Campo, v. 37, n. 3, p. 5-41, set./dez. 2015.

PACHI F, F.F; SOUZA, R.B.R; MOLIANI, J.A. **Comunicação, imprensa e jornalismo alternativos: cartografia dos usos conceituais na produção acadêmica brasileira recente.** PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016.

PERUZZO, C.M.K. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

_____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor.** Revista ECO-POS, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61.

PINTO, Lucio Flavio. **O JP morreu. Viva o JP.** Blog Lucio Flavio Pinto: a agenda amazônica de um jornalismo de combate. Publicado em 21. dez.2018.

POSSEBON, A. **Comunicação Alternativa: uma reflexão sobre o jornalismo para além da grande mídia.** Revista Alterjor, Ano 02– Volume 02 Edição 04 – Julho-Dezembro de 2011.

RESENDE, Lino Geraldo. **Mídia, ditadura e contra-hegemonia,** a ação do jornal Posição no Espírito Santo. 2006, 173 fls. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós Graduação em História, Mestrado em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

SANTOS, P. **Imprensa Alternativa: discutindo o conceito.** Revista Alterjor, v. 8, n. 2, p. 81-100, 17 dez. 2013.

SARMENTO, P.B; SOUZA, R.B.R. **O jornalismo popular alternativo do Século Diário: contra-hegemonia na imprensa capixaba online.** Revista Alterjor, v. 19, n. 1, p. 237-250, 7 jan. 2019.

SEIXAS, N.S.A; CASTRO, A.O. **Imprensa e poder na Amazônia: a guerra discursiva do paraense O Liberal com seus adversários.** Revista Comunicação Midiática (Online), v. 9, p. 101-119, 2014.

SILVA, L.L. **Comunicação alternativa: apontamentos sobre o Varadouro – Jornal das Selvas.** IV Encontro Regional Norte de História da Mídia (ALCAR) – Rio Branco – AC, 2016.

SILVA, M. **Situando experiências de jornalismo alternativo no Brasil a partir da teoria dos campos sociais de Bourdieu.** 6º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul | 2016.